

## O COMPLEXO DA EDUCAÇÃO PELA TEORIA DE LUKÁCS

*Rosa Borges da Silva*  
Universidade Regional do Cariri

*Marteano Ferreira de Lima*  
Universidade Regional do Cariri

**Resumo:** O presente estudo, fundamentado sobretudo na última obra do filósofo Georg Lukács, tem por objetivo apresentar algumas considerações sobre o fenômeno da educação. Para tanto, parte da compreensão da unidade e diferenciação dialética entre as esferas do ser, e do trabalho como complexo fundante do ser social ao produzir o novo. Realiza um exame dos principais conceitos e categorias relacionados ao objeto presentes na obra *Para a ontologia do ser social*, e chega a conclusão de que a educação, enquanto forma de mediação humana presente em todas as formas de sociedade e fenômeno construtor das especificidades próprias da cultura do homem nos indivíduos singulares, pode ser um instrumento a favor da emancipação, da produção de uma comunidade verdadeiramente humana.

**Palavras chave:** Educação. Lukács. Ontologia do ser social.

### Introdução

As discussões acerca do fenômeno educativo necessitam estar ancoradas nos fundamentos filosóficos que auxiliam na busca de uma resposta para a resolução das grandes contradições edificadas pela própria humanidade no decorrer de sua trajetória.

O aprofundamento da inédita crise<sup>1</sup> na história do atual sistema de produção e reprodução da vida revela que não há outra alternativa que garanta a continuação da existência do gênero humano no nosso planeta, senão a dissolução completa do mencionado sistema e a posterior construção de outro modelo, que atenda e respeite as necessidades verdadeiramente humanas.

Os precursores do Materialismo Histórico Dialético, Marx e Engels, trazem à existência uma nova forma de cientificidade que busca apreender a realidade tal como ela é, partindo dela mesma. A *filosofia da práxis*, como também ficou conhecido o legado dos pensadores do século XIX, caracteriza-se num modo de análise que busca interpretar a realidade para transformá-la. É nesse sentido que Georg Lukács (1885-1971), recuperando fielmente a teoria marxiana acerca do processo de gênese e desenvolvimento da sociabilidade humana, elabora a *Para a Ontologia do ser social*, obra marcada pela maturidade do autor, após mais de seis décadas de vasta

---

<sup>1</sup> Ver *Prefácio à edição brasileira em Para além do capital: rumo à uma teoria da transição*.

produção intelectual. Ao longo do texto, o filósofo apresenta a totalidade como a categoria crucial para a produção do conhecimento e expõe a análise de um conjunto de elementos que são fundamentalmente necessários para transformar nossa compreensão acerca da realidade, colocando as bases para uma elaboração teórica que leve em conta a objetividade, a historicidade e a processualidade do ser, além de uma concepção na qual o homem se faz humano pela sua própria atividade vital consciente.

Dado o exposto, o objetivo da presente elaboração consiste em, a partir do entendimento do trabalho como complexo fundante do ser social, apresentar algumas considerações sobre o fenômeno da educação.

## **Metodologia**

Esta pesquisa é um estudo de caráter qualitativo, com natureza eminentemente bibliográfica, e ancorada na perspectiva ontológica.

Na compreensão de Ivo Tonet acerca das pesquisas no plano ontológico:

O procedimento marxiano é inteiramente diferente. Seu ponto de partida não é uma forma avançada e determinada da sociabilidade. Este, pela sua natureza, levou a um exame isolado da subjetividade, da razão. Marx parte da gênese do ser social, do ato que funda a sociabilidade. É na análise desse ato que ele descobrirá a origem, a natureza e a função social essenciais do conhecimento científico[...] (TONET, 2018, p. 73-74).

Para captar e reproduzir o movimento real do nosso objeto de estudo, partimos inicialmente do estudo imanente dos capítulos *O trabalho* e a *Reprodução* (presentes em *Para uma Ontologia do ser social*). Também foram examinados alguns textos de intérpretes brasileiros extremamente atentos à obra de Lukács.

Compreendidos os principais conceitos e categorias do tema, iniciamos a exposição sistemática, que resultou na presente elaboração.

## **O trabalho: fundamento ontológico do ser social**

A exposição lukacsiana acerca do trabalho tem como um dos principais objetivos demonstrar por quais motivos essa categoria se constitui no elemento fundante da sociedade.

Como acertadamente exposto pelo pensador húngaro, a passagem do ser humano da esfera meramente orgânica da vida ao patamar do mundo social se deu pela intervenção

conscientemente orientada do homem na natureza; intervenção que objetivava a satisfação de necessidades humanas essenciais, forçada em meio à luta pela sobrevivência.

Na teoria materialista de compreensão do real, o ser é matéria em movimento e se caracteriza num processo dialético de unidade e diferenciação, superação e conservação.

A primeira forma de manifestação do ser é, pois, a forma inorgânica, cujas determinações são todos os elementos e processos físicos e químicos existentes, em interação e em constante processo de tornar-se outro (outros elementos, outros processos).

Outro traço fundamental dessa forma de ser é a sua completa independência, tendo em vista que ela não necessita de uma consciência para existir e operar na realidade.

O modo subsequente do ser de se manifestar é o modo orgânico, através do salto<sup>2</sup> que ocorre em condições adequadas e pelo longo movimento de interações dos componentes da esfera anterior. Numa circunstância de continuidade e descontinuidade, inicia-se a vida biológica e a sua reposição permanente. Igualmente ao patamar do inorgânico, essa esfera é independente de uma consciência operante.

Indicadas as formas de ser precedentes do ser social, é importante frisar que, para o filósofo húngaro, não há como construir uma ontologia dialética do mencionado ser, sem ter como pressuposto uma ontologia dialética da natureza; contudo, não no sentido de igualar natureza e sociedade, mas no sentido de que o ser social, a sociedade possui como base ineliminável as esferas inorgânica e orgânica, portanto, a natureza. (LUKÁCS, 2018a).

O salto ontológico que possibilita ao homem do seu modo puramente biológico se elevar ao patamar da sociabilidade é propiciado pelo trabalho, pela sucessiva realização de posições teleológicas no real (LUKÁCS, 2018b). Nosso autor, em conformidade com Marx, situa a teleologia como a categoria central do trabalho.

Com isso é enunciada a categoria ontológica central do trabalho: através do trabalho é realizada uma posição teleológica no interior do ser material como o nascimento de uma nova objetividade. Assim o trabalho se torna o modelo de toda práxis social, na medida em que nesta – mesmo se através de mediações muito extensas – sempre são realizadas posições teleológicas, por último materiais. (LUKÁCS, 2018b, p. 12).

---

<sup>2</sup> Conforme Lukács: “Junto ao correto e sóbrio aproximar-se aos problemas ontológicos deve-se sempre ter em vista que todo salto significa uma mudança qualitativa e estrutural no ser, pelo qual o patamar inicial contém em si, de fato, determinados pressupostos e possibilidades do posterior e mais elevado; estes, todavia não podem ser desenvolvidos daquele em uma simples continuidade retilínea. Esta ruptura com a continuidade normal do desenvolvimento constitui a essência do salto, não o temporalmente súbito ou gradativo nascimento de uma nova forma de ser.” (LUKÁCS, 2018b, p. 11)

Através do trabalho, com o reflexo da realidade, o sujeito do processo antecipa idealmente na consciência um projeto que deve ser materializado, objetivado no ambiente: um objeto que atenda uma necessidade daquele sujeito, uma ferramenta de trabalho etc.

O trabalho é o fundamento ontológico do ser social, o fundamento de uma comunidade humana. Todo ato de trabalho é um processo coletivo, “concretamente estruturado” e remete à uma relação genérica. A atividade vital humana já surge chamando à existência outros complexos sociais, como a linguagem (LUKÁCS, 2018b). No constante idear e objetivar de produtos inéditos, humanos, se amplia cada vez mais o círculo socialmente constituído pela ação humana.

Finalizando a menção ao trabalho e antes de iniciarmos nossa exposição acerca do complexo da educação em Lukács, convém que façamos algumas colocações sobre a maneira própria da teoria mencionada na nossa introdução em relação às categorias do ser.

O pensador húngaro enfatiza que a construção categorial de Marx não se dá a partir de conceitos fixos e imutáveis que, simplesmente de maneira gnosiológica, o pesquisador aplica-os na realidade. Pelo contrário: trata-se de extrair do próprio movimento do real as categorias, que são “formas de ser, determinações da existência”. A percepção humana, no processo de aproximações sucessivas do real, consegue capturar os elementos da essência do objeto da investigação e apresentar suas múltiplas determinações.

### **O fenômeno da educação a partir da Ontologia de Lukács**

A ilimitada possibilidade de desenvolvimento desse dialético jogo recíproco de pergunta e resposta se funda em que a atividade dos seres humanos não apenas contém respostas ao entorno natural, mas também que ela, na medida em que cria o novo, necessariamente também tem de, por seu lado, lançar novas questões que não brotam mais do entorno imediato, da natureza imediata, mas são componentes de um entorno autocriado, o ser social. (LUKÁCS, 2018b, p. 250).

Indicando a teleologia como uma categoria central do trabalho, Lukács aponta que a posição teleológica se diferencia em dois tipos: primárias e secundárias. As posições teleológicas primárias são aquelas em que o ser humano intervém diretamente na natureza, transformando-a e adaptando-a para obter valores de uso (um valor que atende necessidades humanas essenciais). Por exemplo: manuseando-se uma pedra, descobre-se que ela possui propriedades específicas que podem se transformar, mediante uma intervenção objetiva, em uma ferramenta para corte ou quebra de um outro elemento da natureza.

As posições teleológicas de segundo tipo são, de acordo com o autor da *Ontologia*, aqueles atos que não mais têm por finalidade realizar uma intervenção na matéria natural, mas buscam atingir outros sujeitos (ou grupos de sujeitos) para que estes próprios realizem as posições intencionadas pelo sujeito. (LUKÁCS, 2018b). É na posição teleológica secundária que se localiza a práxis humana e, portanto, a educação.

Como já mencionado anteriormente, o trabalho possibilita o desenvolvimento da consciência humana, por intermédio do reflexo da realidade e dos experimentos práticos que objetivam a criação de objetos úteis.

Com o desenvolvimento cada vez mais intensivo e extensivo das capacidades humanas, com a produção cada vez mais acentuada de produtos e do entorno social, aparece a necessidade de transmissão dos conhecimentos e das objetivações que não cessam de se acumular. A linguagem, enquanto forma de comunicação, é um complexo que serve de *médium* para a satisfação de tal necessidade.

A educação, por sua vez, é um complexo fundado pelo trabalho, pela práxis humana, pelo desenvolvimento sempre mais intenso das atividades humanas que produzem incessantemente o novo na realidade objetiva; que constrói o gênero humano como autofundado. O fenômeno educativo é o elemento responsável – com o auxílio da linguagem, outro complexo social igualmente fundado) – pela transmissão das especificidades próprias do gênero humano, da cultura, da formação indispensável para a continuidade dessa nova forma de ser no processo histórico, tendo em vista que, diferentemente dos animais, as características do ser na esfera do ser social não comparecem simplesmente com o seu nascimento, na reprodução biológica.

A cada vez que os indivíduos realizam as posições teleológicas (primárias ou secundárias), a cada escolha entre as alternativas presentes na realidade, a cada ato de objetivação e exteriorização, eles se desenvolvem integralmente também como gênero humano. A educação exerce um papel fundamental nesse desenvolvimento.

Nas palavras de Lukács:

O essencial da educação dos seres humanos consiste, ao contrário, em qualificá-los a reagir adequadamente a eventos e situações novas, inesperadas que ocorrerão mais tarde em suas vidas. Isto significa duas coisas: primeiro, que a educação dos seres humanos – tomada no sentido mais amplo – jamais está inteiramente completa. (LUKÁCS, 2018b, p. 133)

A educação do ser humano nunca estará totalmente concluída porque ele está inserido no âmbito do ser social. Constantemente a sociedade se defronta com novas criações, com

acontecimentos inesperados, que demandam dos indivíduos uma determinada reação, que só pode acontecer mediante um processo educativo. A formação humana é uma atividade em constante movimento que não cessa de ocorrer: a todo instante estamos nos confrontando com outras pessoas, com outras ideias, com eventos inéditos na sociedade. A educação é uma forma de mediação imprescindível tanto para a reprodução quanto para uma mudança nos rumos da esfera societária.

Em *Para uma Ontologia do ser social*, alcançamos a compreensão da educação como um fenômeno exclusivamente humano, que surge em decorrência do processo de trabalho com todos os seus desdobramentos na realidade e conceituado de duas maneiras: o primeiro, em sentido amplo, diz respeito ao caráter universal (presente em todas as formações sociais) do complexo educativo, cuja função consiste em construir nos homens as condições indispensáveis para sua realização como participante da generalidade humana, uma formação “para que reajam de modo socialmente intencionado às novas alternativas da vida” (LUKÁCS, 2018b, p. 134), no decorrer imprevisível da história. Nesse sentido, apesar de ser práxis social, a educação ocorre de modo espontâneo, não organizada conscientemente. O segundo conceito se configura como uma prática não mais espontânea, em sentido estrito, que tem início por consequência dos primeiros atos da divisão do trabalho, da necessidade de organização de um modo vida que atenda às necessidades dessa divisão. Com o aparecimento das classes sociais, com uma série de desdobramentos e a crescente complexificação da sociedade, constata-se, então, uma educação vinculada às classes, à luta ideológica, à necessidade de impor um determinado dever em escala social geral, possibilitando as condições necessárias para a manutenção da formação social de que se trate. Entretanto, o filósofo húngaro adverte que “entre a educação em sentido estrito e amplo não pode haver nenhum limite metafísico intelectualmente visível com precisão” (LUKÁCS, 2018b, p. 133). Os dois conceitos mencionados permanecem se efetivando na realidade, numa relação de influência mútua (JIMENEZ; LIMA, 2011, p. 92).

O fenômeno educativo também se constitui num dos instrumentos da continuidade da esfera social, permitindo aos indivíduos se apropriarem das objetivações, da cultura, dos conhecimentos humanos historicamente construídos e acumulados. Lukács, resgatando a teoria marxiana, nos mostra que a *educação* é a educação dos sentidos humanos, da sensibilidade humana, e essa educação é histórica (LUKÁCS, 2018b, p. 244). Apesar de se tornar também um processo imposto aos sujeitos com o advento das sociedades de classes, os homens continuam a se educar no modo mais amplo, fora dos limites da educação em sentido estrito. Para o filósofo húngaro, o ser humano é um ser que dá respostas, e a educação deve preparar

para que as respostas sejam as mais adequadas possíveis, a cada nova situação vivenciada (LUKÁCS, 2018b).

O objeto aqui explicitado é um complexo parcial dentro da totalidade social, e está alinhado à esfera da economia numa relação de dependência ontológica, pois essa se constitui no complexo que fornece as bases materiais para a reprodução dos indivíduos e, conseqüentemente, do gênero humano.

Porém, apesar de depender ontologicamente do trabalho e da esfera econômica, não é determinada pela última, pois trata-se de um complexo social que possui autonomia relativa. A educação, enquanto prática direcionada a outros sujeitos conscientes, pode alcançar seu objetivo elaborado na prévia ideação da posição teleológica, mas também pode fracassar no seu intento e produzir resultados diferentes, até mesmo contrários aos intencionados pelo executor.

Pela característica de poder produzir o intencionado, mas também o diferente, o não intencionado, a educação não tem o poder determinar, de formar a seu modo os indivíduos. Estes são participantes ativos do processo educacional, que reagem à educação de forma consciente e de acordo com suas próprias concepções. Justamente pela determinação desses aspectos mencionados, podemos constatar que a sociedade não é um produto das formas de educação existentes; conforme Lukács, a reprodução da sociedade é um processo contraditório, não orientado, em cujo espaço emergem as condições para as práticas educacionais. Através da educação, em sentido amplo ou restrito, os indivíduos se apropriam de um conjunto de habilidades, capacidades, conhecimentos, para que reajam às novas determinações da realidade sobre eles de modo satisfatório. (LUKÁCS, 2018b, p. 134).

A partir do desenvolvimento do trabalho, da divisão do trabalho e da economia, quando os indivíduos se tornam capazes de produzir muito mais que o necessário para a manutenção da vida, com um acúmulo da riqueza produzida, essa acumulação se torna a causa de uma disputa entre os próprios sujeitos: uma disputa em torno da produção do excedente e do controle dessa produção. Essa situação funda as condições objetivas para o aparecimento das classes sociais. No modelo atual de produção e reprodução da vida humana, com a operação de um sistema que explora e consome recursos humanos e materiais incontrolavelmente, sem considerar a própria finitude desses recursos, a possibilidade de existência futura e de continuação da vida humana na história se coloca em risco. E a humanidade precisa responder acerca da grande contradição edificada ao longo de sua história: se mantém ou altera radicalmente o tipo de reprodução social hoje operante, construindo uma nova forma de ser que seja autenticamente humana.

Na compreensão de Lima (2009), a educação pode contribuir para a formação de uma conduta de emancipação, para a efetivação de um dever-ser relacionado à transformação social, posto que:

[...] a educação não é determinada pela sociedade; ela tem uma autonomia relativa. Assim, o campo específico da sua realização pode ser o espaço para a objetivação de posições teleológicas concretas vinculadas com a emancipação humana ou destinadas a manter as desigualdades sociais e a exploração do homem pelo homem. Em ambos os casos, o material sobre o qual opera essas teleologias secundárias é um sujeito que também reage com alternativas e pode produzir resultados bem diferentes daqueles intencionados pelas práticas educacionais. (LIMA, 2009, p. 125).

A ação dos homens trilha um caminho que leva a novos conhecimentos, a descobertas que impulsionam cada vez mais a produção humana, a formação de uma cultura que inexistia entre os animais. A partir do momento que os sujeitos se confrontam na realidade com suas objetivações, amplia-se o acervo de conhecimentos humanos e modifica-se a própria constituição dos indivíduos, que vão deixando de se perceber como individualidade em si e tomando cada vez mais consciência social da sua existência.

O fenômeno de construção da essência humana e ampliação dos conhecimentos e capacidades dos sujeitos que operam as posições teleológicas resultam na constituição da generalidade humana.

O complexo da educação surge espontaneamente, juntamente com o surgimento das comunidades humanas primitivas, para atender a necessidade de repasse das características humano-genéricas, historicamente produzidas e acumuladas. O denominado por Lukács de *constante afastamento da barreira natural* levou à divisão do trabalho nas comunidades, exigindo de seus integrantes uma determinada organização. E assim, a educação deixa de ser unicamente o elemento responsável pela transmissão dos costumes, das propriedades humanas, se tornando um instrumento necessário à organização social com a divisão social do trabalho, dado que os indivíduos deviam se apropriar de determinados conhecimentos para a execução das atividades. Essa divisão provocou gradativamente uma complexificação cada vez maior na sociedade como é o caso, por exemplo, do aparecimento das profissões.

Com o advento das classes sociais, a educação em sentido estrito aparece como uma prática relacionada à manutenção de determinada formação social, pois, como afirma Lukács, “o conteúdo, o método, a duração etc. da educação em sentido mais estrito são as consequências das carências sociais daí surgidas.” (LUKÁCS, 2013, p. 177).

No entanto, apesar de acontecer uma forma de educação conscientemente intencionada, organizada segundo uma determinada finalidade social, a educação como prática humana universal continua a ocorrer nos diversos espaços, podendo também sofrer influência daquela forma mais sistematizada de efetivação.

Na compreensão de Lima (2009, 2011), as práticas educacionais emergem da base que fornece as condições materiais para a reprodução da sociedade (a economia); nesse sentido, ela não pode ser considerada um elemento de correção das desigualdades provocadas pela maneira como ocorre a reprodução social; muito menos ainda como exclusivamente um elemento de reprodução da sociedade: a educação possui uma autonomia relativa em relação à totalidade social. Ela pode ser efetivada tanto como mecanismo voltado à manutenção, como à transformação social. (LIMA, 2009). Configurando-se como práxis, teleologia secundária, a finalidade da educação elaborada na prévia ideação pode ou não se concretizar; ela pode inclusive se efetivar produzindo o contrário daquilo que era intencionado. As práticas educacionais, como teleologias secundárias, sempre se direcionam a outras consciências, as quais, por sua vez, ativamente podem reagir em conformidade com a finalidade posta na prévia-ideação ou não.

### **Considerações finais**

Ao longo do que foi exposto, podemos constatar que, para Lukács (2018b), *trazer à aparência o movimento da essência* significa analisar e compreender um determinado fenômeno (no nosso caso específico, o complexo da educação) a partir da totalidade, considerando as influências que provoca e recebe dos demais complexos, sua ligação com o movimento contraditório e desigual da reprodução social.

Verificamos que a educação atua na continuidade do processo de reprodução dos indivíduos e da sociedade como um todo (especificamente a sociedade do capital, como modelo social vigente, onde vigora a exploração desenfreada de grupos humanos sobre outros). Ela também possibilita uma tomada de consciência acerca de como surge o ser social, de sua trajetória histórica, passando pelas diferentes formações sociais até a atual, assim como sobre a perspectiva de fenecimento de um determinado modelo de sociedade e a possibilidade de construção, pelos próprios atos humanos, de uma sociedade verdadeiramente humana, emancipada.

### **Referências**

LESSA, Sérgio. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 4. Ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

LIMA, Marteano Ferreira. **Trabalho, reprodução social e educação em Lukács**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2009.

LIMA, Marteano Ferreira; JIMENEZ, Susana Vasconcelos. O complexo da educação em Lukács: uma análise à luz das categorias trabalho e reprodução social. **Educação em Revista**, v.27, n. 02, p. 73-94, ago. 2011.

LIMA, Marteano Ferreira. **A alienação em Lukács**: fundamentos para o entendimento do complexo da educação. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014.

LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social I**. (Tradução: Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider). São Paulo: Boitempo, 2012.

\_\_\_\_\_. **Para a ontologia do ser social**. Tomo I. Vol. 13. Tradução: Sérgio Lessa. Maceió: Coletivo Veredas, 2018a.

\_\_\_\_\_. **Para a ontologia do ser social**. Tomo II. Vol. 14. Tradução: Sérgio Lessa. Maceió: Coletivo Veredas, 2018b.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. (Tradução: Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa). São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

TONET, Ivo. **Método Científico**: uma abordagem ontológica. 2. Ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

\_\_\_\_\_. Educação e idealismo. “Eu amo a minha tarefa como educador/a!!!”. **Plurais – Revista multidisciplinar**. Salvador, v. 4, n. 3, p. 54-71, set./dez. 2019.

**SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)**

### **Rosa Borges da Silva**

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri – URCA; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Histórico Cultural da Universidade Regional do Cariri - URCA; Membro do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UEVA; Bolsista de Iniciação Científica do PIBIC/URCA. E-mail: [rosa.borges@urca.br](mailto:rosa.borges@urca.br)

### **Marteano Ferreira de Lima**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará; Professora do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA; Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Histórico Cultural da Universidade Regional do Cariri - URCA; Pesquisadora do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UEVA; E-mail: [marteana.lima@urca.br](mailto:marteana.lima@urca.br)